

Educação e Xamanismo: ensinar a complexa matemática da vida

Education and Shamanism: teaching the complex mathematics of life
Educación y Chamanismo: enseñar las complejas matemáticas de la vida

Carlos Eduardo de Araújo¹  

RESUMO

Os conhecimentos construídos nas diferentes ciências nos revelam a complexa matemática da vida. Seja na alquimia, na medicina, na astrologia, seja na sociologia, na psicologia, na música e no xamanismo, encontramos as diversas conexões que se estabelecem entre todos na terra, onde se permitem fusões, combinações, potencialidades e outras operações. Uma educação de base complexa reconhece o diálogo entre saberes científicos e os saberes da tradição, em sintonia com a diversidade de estratégias que ensinam a viver. Uma educação que se propõe construir o sujeito integral pode ter como estratégia um educar para o presente e para o sensível, conforme argumenta Daniel Munduruku. Compreendendo como desafio maior a fragmentação dos saberes e a negação de outras narrativas, é preciso reafirmar a urgência de uma reforma do pensamento para uma educação da vida.

Palavras-chave: Educação; Complexidade; Saberes da Tradição; Xamanismo; Matemática da Vida.

ABSTRACT

The knowledge built in the various scientific fields unveils the complex mathematics of life. Be it alchemy, medicine, astrology, sociology, psychology, music, or shamanism, we find several connections established among every person on earth, where fusions, combinations, potentialities, and other operations are allowed. An education founded on a complex base acknowledges the dialogue between scientific and traditional knowledge, attuned to the diversity of strategies that teach us how to live our lives. As Daniel Munduruku argues, an education that proposes the construction of the whole person can educate with a focus on the present moment and on sensibility. Because we understand the fragmentation of knowledge and the negation of other narratives as the biggest challenge, it is, therefore, necessary to reaffirm the urgency of a thought reform toward an education of life as a whole.

Keywords: Education; Complexity; Traditional Knowledge; Shamanism; Mathematics of Life.

RESUMEN

El conocimiento construido en las diferentes ciencias nos revela las complejas matemáticas de la vida. Ya sea en la alquimia, la medicina, la astrología, la sociología, la psicología, la música y el chamanismo, encontramos las diversas conexiones que se establecen entre todos en la tierra, donde se permiten fusiones, combinaciones, potencialidades y otras operaciones. Una educación básica compleja reconoce el diálogo entre conocimientos científicos y conocimientos tradicionales, en sintonía con la diversidad de estrategias que enseñan a vivir. Una educación que apunta a construir el sujeto integral puede tener como estrategia educar para el presente y lo sensible, como sostiene Daniel Munduruku. Entendiendo la fragmentación del conocimiento y la negación de otras narrativas como el mayor desafío, es necesario reafirmar la urgencia de una reforma del pensamiento para una educación en la vida.

Palabras clave: Educación; Complejidad; Conocimientos Tradicionales; Chamanismo; Matemáticas de la Vida.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professor da Rede Pública de Ensino do Rio Grande do Norte. Membro do Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM) e do Movimento Cultural Goto Seco, em que atua como artista e produtor cultural. Indígena Potiguara do Rio Grande do Norte, realiza pesquisas sobre culturas nativas, educação, saberes ancestrais e xamanismo. E-mail: 2019cadu@gmail.com

SOMANDO DIÁLOGOS

Os Alquimistas valorizam os aspectos milimétricos das substâncias. Ao processar, por exemplo, uma porção de diamante por vários anos até que suas propriedades se dissolvam nas moléculas da água e a partir daí criar um elixir, um floral, teremos uma complexa matemática dos elementos da vida, em que a natureza permite a fusão. A astrologia realiza uma matemática complexa de alinhamentos, temporalidades, regências de forças de acordo com ciclos e influências que recaem sobre os indivíduos.

Assim também ocorre nos estudos sobre os astros como a lua, que atua na frequência energética das marés e das águas presentes nos indivíduos, influenciando em aspectos emocionais, numa matemática complexa que renova os ciclos da vida. Podemos também perceber a influência das estações do ano quando relacionadas com a agricultura, o artesanato, na fauna, na flora e nos humanos.

Muitos experimentos das ciências farmacêuticas manipulam a quantidade exata de cada substância para compor uma droga, principalmente no feitiço de remédios psíquicos, em que um milímetro a mais pode provocar desarmonias irreversíveis. Nas ciências exatas, da Terra e engenharias, a matemática fase mostra quando, por exemplo, a bomba atômica, em sua complexa engenharia, influencia a vida dos seres da terra se explodir. Os estudos sobre o genoma humano apresentam a multiplicidade de genes em suas diversas combinações e cruzamentos, influenciando na arquitetura dos seres vivos.

Nas Ciências Humanas, temos uma complexa matemática na geopolítica, na sociologia, na demografia, principalmente quando se alimentam da ciência estatística e da ciência econômica. Na métrica da composição musical, temos os valores do silêncio, da pausa, do acorde que marcam o tempo, as frequências que, por sua vez, influenciam emocionalmente os seres.

Esta matemática que arquiteta as coisas permite que a vida aconteça, seja por meio da fusão, da combinação, da multiplicação ou por outras operações; ela é complexa e influencia todas as vidas que conhecemos.

O xamanismo, enquanto catalizador das forças da natureza, apresenta saberes que expressam a conexão entre os espíritos das coisas, a condição humana e nossas potencialidades, numa alquimia complexa que envolve simbologias, ritos e mitos. Combinações de plantas, bricolagens de elementos da natureza e outras práticas resultam na sustentação de uma ciência que experimenta potencialidades nas forças da natureza.

Drunvalo Melchizedek, um dos fomentadores do pensamento xamânico, escreve em seus textos um apurado conhecimento do que chama de geometria sagrada apreendido junto aos indígenas e xamãs. No livro *Serpente de Luz* (2009), apresenta o diálogo entre alquimia, matemática, simbologia, saberes indígenas, entre outros conhecimentos que se entrelaçam desde o princípio da humanidade e que situa o homem em diferentes ciclos e sincronicidades.

A circularidade, o pensamento circular é uma matemática do pensar bem a vida. É a forma de vida expressada pelos indígenas, calcados no modelo vivo da Terra onde a cir-

cularidade da vida é uma matemática de potências de morte e renascimento das coisas, de regeneração, de metamorfose e confluências desdobradas em seu cotidiano, nos rituais, nas celebrações e mitos.

O pensamento redondo, expresso por Daniel Munduruku, demonstra uma complexa filosofia vinda de uma matemática ancestral que se revela como forma de sustentação da vida, com bases sólidas na tradição e na memória coletiva. Davi Kopenawa, em seu livro *A Queda do Céu* (2015), pensa a matemática antropológica da vida em que a subtração da floresta leva à subtração dos xamãs; por consequência, sendo eles os que sustentam o céu, temos como resultado o fim do mundo, uma metáfora para falar de um modo de pensar baseado no progresso que valoriza o frenesi do capital e o esgarçamento da natureza para fins pessoais.

Edgar Morin, na obra intitulada *O Método*, que se desdobra em seis volumes, dialoga com a diversidade de conhecimentos que compõem a complexidade da vida e argumenta a favor do encontro de saberes e suas complementaridades, entendendo como problema maior o pensamento que fragmenta e diminui a potência da vida. O contrário, ou seja, a soma, a junção dos saberes e uma ecologia das ideias são vias para apreendermos a potência da diversidade.

Conceição Almeida, no livro *Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição* (2017) faz uma metáfora utilizando a imagem da régua e do compasso para pensar os modos de construção do conhecimento, na perspectiva de compreender a complexidade das narrativas. De um lado, a régua representa a forma de pensar linear, metrificada, exata, que mais parece com a linha de produção das fábricas; por outro lado, o compasso nos ensina o movimento circular, representando a circularidade da vida, os ciclos naturais, a espiral das transformações, em que ocorrem os processos de interação e reorganização contínuos da complexa matemática da vida.

Como colocado anteriormente de forma sintética, sejam nas ciências ocultas, xamânicas, astrológicas, exatas, biológicas, humanas, agrárias, ou nas ciências da saúde, nas Engenharias e nas diferentes linguagens, a matemática complexa da vida se apresenta a partir da interação destes saberes, de diálogos pertinentes, tonando-se complementares, cada uma sendo parte de um todo. Essas operações, capazes de conectar estes saberes científicos, permitem a compreensão da complexidade da vida, da nossa condição humana e nossas potencialidades de existir. Uma matemática que revela também as metamorfoses e transformações permanentes do viver.

Assim, este artigo dialoga sobre a complexa matemática da vida enquanto resultado da interação entre os diversos conhecimentos e chama a atenção para que esta compreensão esteja no horizonte da educação, do ensinar e do aprender. Construir uma educação de base complexa é compreender esta conexão entre os diversos conhecimentos da humanidade que deságuam no ensinar a viver (MORIN, 2015), realizando estratégias para que seja formado o sujeito integrado na complexidade das existências e que apreenda suas diversas relações.

PARA SUBTRAIR FRAGMENTAÇÕES NA EDUCAÇÃO

A Educação enquanto instrumento de preparação das novas gerações encara vários problemas em diferentes dimensões, sendo urgente retomar a reflexão sobre sua missão de construir uma sociedade solidária e respeitosa. É preciso pensar uma Educação como via para o desenvolvimento individual do sujeito e que este possa compreender o outro e praticar boas atitudes no interior da sociedade.

Essa perspectiva contempla a Educação de forma ampla, complexa, em que várias questões devem ser compreendidas de forma interdependente, uma vez que pensar o ato educativo de forma complexa, em suas várias conexões, é tarefa difícil, mas urgente e imprescindível diante das transformações atuais que requer um novo pensar para compreensão dos problemas cruciais de nosso tempo. É necessária uma reforma do pensamento sobre a educação. O pensador Edgar Morin indica pensar uma Educação que ensine a viver, enfatizando que

a escola atual não fornece o viático benéfico para a aventura de vida de cada um. Não fornece as defesas para se enfrentar as incertezas da existência, não fornece defesas contra o erro, a ilusão, a cegueira. (...) ele não fornece os meios que permitem conhecer a si mesmo e compreender o próximo. Não fornece a preocupação, o questionamento, a reflexão sobre a boa vida ou o bem viver. Ela não ensina a viver senão lacunamente, falhando naquela que deveria ser sua missão essencial (MORIN, 2015, p. 54).

No entendimento que é preciso uma educação para a vida, é necessário, antes de tudo, entender que é importante debater os elementos construtores e os que impedem a realização desta incumbência para, a partir daí, construir os passos para uma reforma do pensamento que provocará a projeção de uma educação no futuro.

A educação escolar está fundamentada na ciência moderna, apresentando conhecimentos como propedêuticos e desenvolvendo o método científico como base para alcançar conhecimentos ditos válidos e confiáveis. Esta ciência clássica, que prevaleceu como principal forma de “ler o mundo” e é desenvolvida na escola, apresenta um discurso científico pautado na eficácia, criticada pelas ciências da complexidade pelo fato de impor “a procura crítica da verdade como critério último em matéria de formação, na esperança de um encontro harmonioso entre verdade, libertação das alienações internas e externas, e justiça social”, como enfatiza o físico e filósofo Henri Atlan (1993, p. 100-101).

Edgar Morin também identifica que esta busca por verdades, axiomas e provas está baseada em quatro pilares da certeza que sustentam a ciência clássica. Tais pilares, que juntos compõem o grande problema da fragmentação, bem explicados por Conceição Almeida (2017, p. 56), são: a procura da ordem nos fenômenos; o princípio da separabilidade para garantir a análise; o princípio da redução; e a lógica indutiva-dedutiva-identitária em que “tudo que não passa pelo crivo da razão era expurgado da ciência”.

Estes elementos levaram ao pensamento fragmentado que ressoa evidentemente em diferentes dimensões, chegando às instituições e documentos, marcadamente na Educação. A fragmentação dos conhecimentos teve e tem consequências negativas para a formação do sujeito, sua compreensão do mundo e suas ações.

Na reflexão de Conceição Almeida (2017, p. 186), “tomar a parte pelo todo, separar e opor teorias e prática, o saber e fazer, o sujeito e objeto e corpo e mente, são alguns outros equívocos cognitivos que acabaram por comprometer durante muito tempo nossa forma de entender o mundo e a nós mesmos”.

A fragmentação, então, torna-se um dos grandes problemas da educação escolar que suporta hoje a separação das disciplinas, dos conhecimentos, dos conteúdos, dos indivíduos e da aprendizagem, mas que precisa ser superado, principalmente, em nosso pensar, exigindo uma reforma do pensamento.

Como enfatiza Morin (2016, p. 17), “os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não consegue conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios da nossa época”. Repensar a educação por uma matemática de junta e multiplica conhecimentos é uma via para uma educação que forma o sujeito em interação com a complexidade da vida.

Assim, identifica Morin que um dos principais desafios da educação é a compreensão sobre o destino humano para o fortalecimento do senso de responsabilidade e da solidariedade. O que ele torna evidente é a questão ética, anunciando o saber necessário do gênero humano, uma antropoética ligada a outras inspirações, bem colocadas como saberes necessários para a educação do futuro (MORIN, 2016), importantes enquanto estratégias para a educação.

É preciso reconhecemos que “somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, cerebrais, espirituais...”. Significa uma tentativa de formar “uma consciência humanística e ética de pertencer à espécie humana, que só pode ser completa com a consciência do caráter matricial da Terra para a vida, e da vida para a humanidade” (MORIN, 2016, p. 38-39).

Entende-se, assim, que temos a necessidade de educar o sujeito consciente de si, assim como seu entendimento do todo, visto que as ações de solidariedade e compreensão foram esfaceladas pela fragmentação imposta por uma ciência preocupada em construir verdades, que dominam a educação atual.

Ao validar a fragmentação, a ciência separou esta cultura humanística de sua cultura científica, estabelecendo uma lógica que rejeita as narrativas que não passam pelo crivo da razão e reduz saberes que não se enquadram em seus princípios. Nesse processo, esquecemos saberes essenciais para apreender outros modos de construir conhecimentos sobre nós e o mundo, que se constitui na separação entre saberes científicos e saberes da tradição.

A ciência clássica produziu a ideia do que é e o que não é ciência, negando os saberes da tradição que compõem uma constelação de formas outras de ver o ser e o cosmo, contendo um rico conhecimento sobre o homem, a natureza e suas interações. Na análise de Atlan (1993, p. 124), “foi a ciência moderna que se separou de tudo isso, tendo adquirido a sua eficácia operacional e teórica graças a esta separação”.

Aqui trago o pensamento xamânico, enquanto saber da tradição, uma escola de saberes, como atos educativos. A ideia do xamanismo aproximado da educação vem da ideia

de que, sendo um conjunto de práticas e saberes ancestrais, o xamanismo se torna, em síntese, na ação que trata conhecimentos da tradição e transforma-os em sabedoria, que, junto às práticas, tornam-se condutoras da complexidade da vida. E esse é o papel do xamã, inserido ou não nas comunidades tradicionais.

XAMANISMO E UMA EDUCAÇÃO PARA O PRESENTE E PARA O SENSÍVEL

A construção de conhecimentos e a forma de repassá-los pelos xamãs exigem um tempo diferente em que a fala e as ideias seguem um fluxo de observação, escuta, experimentação, criação ampliada, mais concentrada e menos redutora.

Retomando a necessidade de ampliar essa relação do homem com a natureza, os geradores principais dessa ideia são os saberes da tradição indígena, que mantêm a sabedoria da floresta viva, evocando e reverenciando as forças dos elementos, como fizeram os ancestrais mais longínquos e, assim, conectando-se com uma sabedoria e ensinamentos que mantêm viva uma herança cósmica que se traduz na cultura (ARAÚJO, 2022).

Partindo também de outros diálogos com xamãs, emerge a ideia de que uma mudança de pensamento parece ser a via principal da cura de si e do mundo, em oposição a uma forma de pensar que se afasta cada vez mais da natureza e que faz adoecer, não só o homem, mas também a biosfera em que vive. Esse pensamento obscuro, vidrado na mercadoria, como falou Kopenawa (2015), se torna hoje uma ameaça fatal para todos os seres. O xamã, como representante do povo Yanomami, nos fala que:

Quando todos nós tivermos desaparecido, quando todos nós, xamãs, tivermos morrido, acho que o céu vai cair. É o que dizem nossos grandes xamãs. A floresta será destruída e o tempo ficará escuro. Se não houver mais xamãs para segurar o céu, ele não ficará no lugar (KOPENAWA, 2015, p. 153).

O autor concebe os saberes da tradição como base da sustentabilidade da vida no planeta e indispensável diante das atuais catástrofes socioambientais. Em todo o seu livro, ele pensa a relação entre a floresta e o fim do mundo, sendo a destruição da floresta Amazônica o fim dos xamãs, já que não poderão mais ouvir os espíritos da floresta. A sustentação do céu pelos xamãs é a metáfora para falar que aniquilar a floresta é o fim da força xamânica, da sabedoria milenar que mantém a vida.

Trata-se de um pensamento que dialoga com os saberes da tradição, impulsionando a retomada de uma cosmopoética presente no pensamento xamânico, preservado nos povos originários, revisitado na sabedoria ancestral e acessado na dimensão espiritual pelos xamãs, por meio de práticas, comunicações, ritos e mitos.

O xamã parece se alimentar de algo vivo que a natureza lhe oferece. Vivo e presente, atento ao agora, ao seu corpo, sua mente, e isso aflora um modo de pensar. A constituição do corpo, os sentidos, as ações passam a ser direcionados à construção de um ser por inteiro, ao mesmo tempo que constrói seu caminhar epistemológico.

Nesse movimento, o estado de presença é como uma chave, um gatilho mental que suspende aos poucos o pensamento sobre o futuro e o passado e nos repõe no presente. Torna-se uma via para pensarmos a si, no outro e no mundo. Esse presente é o ponto central

da obra do filósofo indígena Daniel Munduruku, xamã que inscreve suas memórias, pesquisas e saberes no papel, para ensinar ao povo da cidade o que o povo da floresta lhe ensinou.

Esse pensador indígena do povo Munduruku possui marcante atuação na disseminação da literatura indígena brasileira. Possui dezenas de livros publicados em sua Livraria Maracá, que também divulga outros autores indígenas. Ganhou várias premiações por suas obras e realiza debates instigantes sobre cultura indígena e literatura em seus canais. O considero um dos maiores pensadores do Brasil.

Daniel Munduruku, indígena brasileiro, escritor e etnofilósofo, é um dos pensadores que trazem para o diálogo em seus livros e palestras uma cosmoética presente na tradição de seu povo, na qual a ancestralidade é a grande voz que ensina a estar no presente. Construindo caminhos que levam a uma educação de base complexa, Daniel tem dialogado com várias áreas do conhecimento que entrelaçam seus escritos, sendo também uma voz de resistência há décadas.

Ele nos alimenta com pensamentos para enxergar a educação de forma ampla, emaranhada com a nossa existência, nos pondo como educadores e educandos, cada um em seu fluxo, e nos faz pensar e repensar a educação como uma jornada da vida.

Em cada fase do humano coexistem vários ensinamentos e aprendizados, seguindo o compasso da natureza, aprendendo com seus ciclos, na inteireza do espírito de cada idade que se envolve na trama de seu caminhar sobre a terra. São as ideias desse contador de histórias que movem a jornada atual da tese, para pensarmos ensinamentos xamânicos, como saberes da tradição e reservas de pensamento que formam o ser por inteiro.

A obra de Daniel Munduruku nos leva à origem do caminho, a rememorar ensinamentos antigos, reverenciar o saber que permanece por séculos e reler “os dizeres que moram nas entranhas da terra, debaixo das folhas secas, entre cadáveres e carcaças do mundo” (MUNDURUKU, 2014, p. 15).

Uma das ideias potentes expostas por Daniel, transposta da floresta de sua vivência, é nos conduzir ao presente, tomando-o como um presente do universo, exercício também realizado por xamãs. Uma localização geográfica, espiritual, social, política e existencial que amplia tanto a percepção de si, como também do outro, compondo nossas múltiplas correlações no mundo e com o todo em retroalimentação.

Colocando o presente como dínamo, orientando nossos pensamentos e ações, essa ideia se torna potente, ao mover a cognição para um estado de presença que destoa do credo ocidental, ao insistir em nos fazer pensar o futuro, suprimindo o presente e o passado, em que se encontra a memória dos povos originários.

O futuro se revela como flutuação diante da composição de um pensamento guiado e vivido no presente. O tempo é tomado com um novo sentido, dissolvendo a competição, o frenesi, a “eficiência programada”, a violência do mercado e tudo o que está associado ao futuro utilitarista como lugar do progresso humano. O tempo se torna o presente a ser aberto, vivido, agraciado, poetizado, sonhado, desfrutado e incorruptível. Um verdadeiro presente diário oferecido pelo grande espírito, como Daniel expõe.

Pensar o presente, como propõe Daniel, oferece uma mudança radical, ou podemos dizer uma retomada do pensamento dos nossos povos originários do Brasil, que de forma intencional nos move a ver a vida, a ver a nós mesmos, a ver os outros e o conjunto das coisas como um corpo único. Um corpo que convive num fluxo imprevisível, em que cada ser tem sua participação e responsabilidade de manter seu papel energeticamente.

Ao pensar o presente no presente, em estado de presença, ocorre uma mudança cognitiva que nos localiza no universo dentro de um espaço do agora, em uma memória coletiva construída de uma ancestralidade revisitada permanentemente e mantém viva a energia de uma comum-idade (comunidade) de destino e de espécie.

Aos poucos, realinhamos a mente, o corpo e o espírito, aos seres e aos elementais como um corpo único, num fluxo comum de diferentes variações e direções. Considero esse pensamento como um ensinamento xamânico potente, que metamorfoseia o homem ao situar todos no universo, no tempo fora do tempo, na perspectiva planetária como integrante desse organismo vivo, inexplicável e em expansão. Passamos a nos compreender como parte e todo ao mesmo tempo.

O presente, o hoje e o agora são mais do que elementos temporais, são categorias dinâmicas que dão fluidez, potência, vitalidade e fluido para criar. Estar no presente é aprender com o momento e poder criar. Ao vivenciar o presente, acolher e propagar sua energia e entender o xamanizar dessa ideia, podemos crer na sua potência, como expressa o próprio Munduruku:

O hoje começa e termina em mim. O hoje é minha eternidade frágil, lapso de luz de um raio que ilumina por um tempo infinitamente curto. Só hoje EU SOU. Só hoje estará tudo bem. Só hoje estará tudo bem. Só hoje serei mais risonho, alegre, forte. Só hoje trarei meus sonhos à baila e dançarei com eles a harmonia do Universo. Só hoje murmurarei melodias inaudíveis para sintonizar a música da natureza (MUNDURUKU, 2014, p. 16).

Ao pensar no presente, os ciclos ao qual fluem as organizações, desorganizações, interações e outros movimentos, podemos alcançar o entendimento de nossa integração plena ao cosmo. Isso envolve o processo de autoconhecimento, como uma das vias principais para encontrarmos a conexão com a energia da vida, sendo também uma via para nos reconhecermos como irmãos de todos os seres. Esse entendimento descortina um pensamento ancestral circular no qual vivemos independentemente, mas que sua compreensão se esfacela aos poucos, principalmente na educação escolar instituída, como bem observa Munduruku:

Infelizmente, a escola corrompe o pensamento circular da criança (...) é na escola que ele aprende a entortar o pensamento e a se distanciar da circularidade da vida. É na escola que ele vai começar a distanciar o seu eu do ser do mundo. É onde vai abandonar sua compreensão real dos sentidos da existência. A escola lhe oferecerá, em troca, um futuro linear, todo planejado, todo certo, todo pensado, todo preparado (MUNDURUKU, 2014, p. 28).

Esse é um dos focos principais de sua crítica ao “pensamento torto” do Ocidente, que desenraiza as gerações e impõe um pensamento oco, sem sentido, apontando metas e ideias de disputa, separação e fragmentação, cortando nosso laço com a teia da vida que

nos une. Na intenção de reconexão, Munduruku propõe a retomada de um pensamento circular ancestral que reanime as gerações, recolocando-as novamente no círculo, dando as mãos aos vivos, reverenciando a sabedoria que sustenta, a milênios, os povos originários do Brasil. Em *O banquete dos Deuses* (2009), sintetiza o sentido de geração e continuidade, ao propor o pensamento de que

somos a continuação de um fio que nasce muito tempo atrás, vindo de outros lugares, iniciado por outras pessoas, completado, remendado, costurado e continuado por nós. De uma forma mais simples, poderíamos dizer que temos uma ancestralidade, um passado, uma tradição que precisa ser continuada, costurada, bricolada todo dia (MUNDURUKU, 2009, p. 16).

O autor nos provoca a pensar uma educação em que “é preciso trazer a figura dos antepassados para dentro da escola. Trazer suas histórias, seus comprometimentos, suas angústias, sua humanidade” (MUNDURUKU, 2009, p. 18). Pesar tais questões é o portal para novos aprimoramentos do ato de educar.

A educação para o presente caminha ao lado de uma educação sensível. Juntas, educam os sentidos do indivíduo em sintonia com a sabedoria ancestral. Nesse olhar, a importância dos saberes indígenas amplia-se ao transversalizar áreas de conhecimento, afirmando-se ser um pensamento complexo sobre a vida, o homem e a natureza. Nas palavras de Pimentel, pesquisador dos saberes indígenas:

Os conhecimentos que possui uma pessoa respeitada como xamã, ou pajé, podem passar por campos distintos como a botânica, a medicina, a zoologia, a ecologia, a etologia animal, a meteorologia, a filosofia, a música, a química, a psicologia, a nutrição e a história, entre outros (PIMENTEL, 2012, p. 69).

Munduruku nos lembra, incansavelmente, em suas falas, que não somos donos da teia da vida, como uma resposta direta ao pensamento que insiste em dominar, manipular e explorar a natureza. Somos parte dessa teia que devemos velar. Esta é uma resposta dada por vários outros pensadores, ativistas, e por movimentos que enxergam claramente a relação de um modo de pensar que esgarça a natureza para obter capital. Uma resposta direta aos que seguem no frenesi do capital, animados pela sede insaciável do lucro que logo se tornou o motor da degradação da biosfera e também da antroposfera.

Tendo a natureza como principal educadora da vida, propõe-se também refletir sobre o modo de pensar científico ensinado nas escolas e que ressoa no trato com a natureza, emergindo o status atual de barbárie, destruição causada por essa forma de pensar da tecnociência.

Uma Educação que instiga a pensar o presente é uma valiosa proposta para reformarmos as instituições educacionais. Estar no presente é um ensinamento dos povos arcaicos, do pensamento xamânico, para o homem contemporâneo. Estando presente e em estado de presença, podemos transitar por nossos infinitos e transfinitos, em nossos infinitos interiores. Este caminhar é possível na apreensão da complexa matemática da vida.

Para fechar este diálogo sobre a potência do presente, podemos compreender que, ao acioná-la, tal estratégia de pensamento proporciona despertar as potências humanas para o envolvimento da vida, sendo, assim, uma forma de cura. É para o presente que Daniel

Munduruku nos traz que, na tradição de seu povo, é preciso manter uma educação “para o presente, para o agora”, conforme também defendem os anciões, pajés e xamãs. Essa é a forma ancestral de educar. Nas palavras do autor, “é necessário e urgente educar nossas crianças para viverem seu presente, caso contrário, correremos o sério risco de criar cidadãos infelizes” (MUNDURUKU, 2014, p. 58).

Outro conceito inspirador trabalhado por Munduruku é a educação dos sentidos, a qual enxergo também como um ensinamento presente nas práticas e conhecimentos xamânicos. A educação dos sentidos parece emergir também do estado de presença. É preciso educar os sentidos não só para a sobrevivência, mas também para a existência. O presente passa a evocar seu profundo sentido, quando ele nos proporciona percebermos os sentidos.

Em sua relação diária com a floresta, educar os sentidos não é apenas aguçar habilidades. Nas palavras de Daniel, “estar atento ao que acontecia na floresta era uma etapa necessária para aperfeiçoar o outro olhar que educaria o espírito: aquele que vê os mistérios por trás dos sentidos” (MUNDURUKU, 2014, p. 50).

Captar os sentidos do ser e aprimorar o caminhar xamânico são formas de constituir-se como ser em permanente movimento de plenitude. É a construção do ser complexo. Para encontrarmos pistas desse processo de rompimento, é preciso pensar a fragmentação do saber e a negação da diversidade como marcos de um processo maior de destruição do humanismo pleno, que afeta fortemente o processo de ensinar e aprender os sentidos.

A educação lida com problemas diversos e em diferentes dimensões, por isso é urgente retomar a reflexão sobre sua missão de construir uma sociedade com mais solidariedade, cooperação e respeito. É preciso pensar uma educação como via para a construção integral do sujeito, para que possa compreender o outro e atuar como transformador de sua sociedade.

Pensar o ato educativo de forma complexa, em suas várias conexões, é tarefa difícil, mas imprescindível diante das transformações atuais que requerem um novo pensar para a compreensão dos problemas cruciais de nosso tempo. É necessária uma “reforma do pensamento e da educação”.

Ao apreender esse contexto que envolve questões cruciais sobre a educação, entendendo ser preciso pensar a forma de educar dos nossos ancestrais, como apreendemos no pensamento de Daniel Munduruku. Uma educação presente, sustentada pelos saberes de uma tradição milenar e construída pelos saberes que a natureza apresenta. Assim, Daniel apresenta, em alguns de seus livros, as sabedorias de seu avô Apolinário. Um dos ensinamentos diz:

Com os olhos inflamados por um estranho estado de êxtase recomendava: “Se vocês quiserem saber como foi o começo de tudo, perguntem ao nosso irmão mais velho, o fogo; se quiserem entender onde mora a alegria, pergunte à água cristalina, pois ela vem da fonte da alegria; querendo saber as notícias dos espíritos, questionem o irmão vento, pois ele vem de longe; se querem saber qual foi o som da criação, pergunte à Mãe Terra, pois ela tudo gerou” (MUNDURUKU, 2009, p. 28).

Esse ensinamento xamânico, que nos põe diante de uma natureza sábia, se manifesta a partir de uma consciência no presente e que educa o sentido. A sutileza e a sensibilidade para captar as respostas irão depender do quanto experimentamos a potência da vida e a memória que nos sustenta diariamente.

O ATO EDUCATIVO DO XAMANISMO

Podemos apreciar a potência da vida ensinada pela natureza, por cada um de seus reinos, para humanizar o homem. Alguns desses xamãs, pajés, curandeiros, artistas e vários outros são veladores desses saberes que humanizam. São esses saberes que ampliam nossa compreensão sobre a vida, sobre nós mesmos e os outros.

Temos, assim, uma sabedoria velada pelo xamanismo, que realiza um processo de regeneração de nossa civilização e constrói novos horizontes possíveis para sairmos do domínio do pensamento fragmentador, empobrecido pela simplificação e especialização. Retomar o pensamento que apreende a complexa matemática da vida e a complexidade da vida é urgente, para resistirmos à monocultura da mente.

As pistas para essa regeneração da civilização atual podem estar nestes ensinamentos indígenas ancestrais e xamânicos que podemos listar a seguir: 1) entender a Terra como mãe, como sagrada e reverenciá-la; 2) que o ser humano possui sua importância na permanência da força criadora, possuindo o mesmo caminho dos outros seres vivos, pois todos são manifestação da criação; 3) “o mundo tem uma alma”, um espírito que nos ensina e humaniza, e para isso, como receita Munduruku, é preciso dançar e cantar, “invocar o som imemorial escondido no coração do mundo” (2009, p. 31); 4) ter a gratidão à Mãe-Terra, pela dádiva da vida e, por isso, precisamos manter o ritual, reverenciar, “praticar nosso sentido de pertencimento” e “ter clareza de que são parte da grande teia da vida” (MUNDURUKU, 2009, p. 32).

Considerando que a educação ensinada nas escolas fomente valores como a cooperação, gratuidade, generosidade, simplicidade e uma relação respeitosa entre homens e com a natureza, por exemplo, entendemos ser necessário que as instituições educacionais, escolas e universidades, vislumbrem a possibilidade de contaminarem-se também com sabedorias locais, que estão no DNA da diversidade sociobiocultural brasileira. Assim, para abrir-se ao cardápio da diversidade de saberes nas universidades, reforçamos a urgência de uma reforma do pensamento e da educação (MORIN, 2016a). Tal reforma sugere um reencontro com reservas de civilização, com sabedorias ancestrais, como a pajelança e o xamanismo.

Segundo Daniel Munduruku, “o indígena se sente como pertencente à natureza, como uma espécie entre outras [...]. Ao pensar assim, o indígena compreende que sua participação na grande teia da vida é basicamente fortalecê-la para que todos os seres vivos possam usufruir das dádivas que ela oferece” (MUNDURUKU, 2017, p. 53).

O ato educativo no xamanismo está presente em sua prática, apresentando saberes para o conhecimento de si, do cosmo e da natureza, a fim de atingir o que alguns xamãs denominam de humanismo pleno, caracterizado como conduta de solidariedade, cooperação, compreensão do próximo e respeito a todos os seres presentes na dimensão física ou não.

O educador indígena Daniel, então, apresenta reflexões sobre uma educação complexa, que atenta para a necessidade de compreendermos a importância da aproximação entre os saberes da tradição e os saberes da ciência, discutindo as formas de concepção, suas especificidades, ressaltando que a educação acontece em todos os espaços e deve ser realizada por todos.

Nessa perspectiva, tomamos a ideia geral de que os conhecimentos e as práticas do xamanismo contribuem para pensar uma educação complexa, destacando a importância dos saberes ancestrais para pensar novos horizontes educacionais, os princípios de uma ecologia das ideias e a formação em rede de conhecimentos diversos.

Nas palavras de Conceição Almeida, uma verdadeira nova aliança entre cultura científica e humanística só é possível a partir de uma ecologia das ideias, que acolha saberes milenares da tradição dos quais se valem numerosas populações do planeta (ALMEIDA, 2017).

O pensamento indígena, no sentido primitivo (primeiro), possui suas práticas arraigadas no pensamento de comum-idade, companheirismo e participação. O xamã, por meio de mitos e ritos, preserva, repete e pratica, hoje, esses princípios éticos de existência plena.

Daniel Munduruku lembra as palavras de seu avô que diz: “Enquanto houver um único pajé sacudindo seu maracá, haverá sempre a certeza de que o mundo estará salvo da destruição” (2017, p. 59). Essa sabedoria ancestral nos ensina que somos parceiros da natureza; cada coisa criada está em sintonia e possui sua sabedoria. O autor enfatiza: “estamos neste planeta para cuidar dele e não para sangrá-lo à exaustão” (MUNDURUKU, 2010, p. 27).

Ele nos inspira a entender os saberes xamânicos como experiências de humanidade, sobre a própria vida e fundamentais para caminhar sobre a terra. Cumprem o papel de provocar esse pensamento ocidental e linear que permeia a mente predatória, que olha para a realidade apenas como uma linha do tempo e a natureza como recurso explorável.

É preciso que as pessoas comecem a perceber que existem outras possibilidades de circularmos nesse mundo, que não apenas a circulação de mercadoria, de produção, mas também de existência e de relações (KRENAK, 2019).

Os saberes construídos pelos xamãs, pajés, curandeiros, feiticeiros, raizeiros, astrólogos são ciências. Assumir essa afirmativa é compreender a validade e a potência desses saberes para a organização e sobrevivência das sociedades tradicionais. Produzidos por estratégias diferentes, tais saberes devem ser apreendidos como complementares aos da ciência oficial para pensar a sustentabilidade das sociedades e da natureza. Saberes da tradição e saberes científicos precisam se olhar para construir uma aliança em benefício de seu destino comum e o destino do planeta.

Morin contribui com um conjunto de elementos imprescindíveis para dialogarmos sobre sustentabilidade, ao apreender a perversa relação da globalização com a natureza. No livro Rumo ao abismo (2011b), Morin aponta as consequências catastróficas promovidas pelo que denomina de quadrimotor: ciência, técnica, capital e lucro, que avança impiedosamente contra a natureza. Essa face cruel da globalização precisa ser estancada pela face

boa da própria globalização, que conecta a todos e nos põe como pertencentes a uma comunidade de destino comum, sofrendo os mesmos riscos e problemas fundamentais, sejam ecológicos ou econômicos, e que permite nascer um novo mundo.

No livro *Saberes globais e Saberes Locais* (2008), Morin dialoga com o indígena Marcos Terena sobre os conhecimentos usurpados pela ciência. Para o indígena do povo Terena: “Não era este o sonho que nossos antepassados queriam para a nossa civilização” (TERENA citado por MORIN, 2008, p. 18), e propõe como via uma aliança em que “a ciência do branco precisa conversar com a ciência indígena” (TERENA citado por MORIN, 2008, p. 21). Ele ainda pede que os saberes indígenas, como patrimônio, sejam protegidos e revertidos para o bem-estar da humanidade.

Tal atitude representa a junção de pilares éticos presentes na base dos saberes da tradição: aliança, cooperação, respeito, partilha e comunhão. Ainda nesse livro, Morin reconhece a importância dos saberes indígenas como “conhecimentos muito sutis sobre o mundo vegetal e animal, sobre modos de cura” (2008, p. 26), esfacelando a ideia do mundo europeu que entende a sabedoria concentrada apenas em sua civilização ocidental.

As ideias, conceitos e iniciativas propostas revelam a base ética dos saberes da tradição, fundamentados em valores e ações praticadas até hoje nas comunidades arcaicas em que a solidariedade, a cooperação e a comunhão são inspirações vindas da própria natureza, concebidas por pajés, xamãs, curandeiros e pessoas sensíveis às várias relações entre os seres.

A potência dos saberes ancestrais brota da experimentação, da intuição, dos sonhos, das evocações e das comunicações simbólicas, sempre ligadas aos fatos e às preocupações centrais do planeta.

Perceber a comunidade comum a que todos pertencemos, apreender nosso destino comum e olhar para si e a todos como participantes do cosmo é a via para pensarmos e agirmos para a sustentação da natureza e da vida em suas dimensões física, mágica, poética e imaginária.

Os saberes xamânicos pertencem à constelação dos saberes ancestrais, considerados como reservas antropológicas ao resistir às ameaças da monocultura da mente. O diálogo com sabedorias ancestrais multidimensionais, como o xamanismo, proporciona uma democracia cognitiva e a contribuição dessa forma de pensar, propondo uma formação humana, ecológica, responsável consigo e com uma vida partilhada para os demais seres, baseada em noções éticas de solidariedade, comunhão e integração.

O xamanismo, como uma ciência carregada de uma memória biocultural, tem importância crucial na recomposição de uma civilização, na retomada de valores éticos para reconhecer a força que possui uma comunidade planetária. O xamã, como porta-voz dessa ciência, fala da necessidade de sentirmos o parentesco entre nós e todas as coisas. Somente na aceitação desse parentesco é que concebemos a importância da participação de cada ser nessa teia da vida, a força do espírito da floresta, e é por esse sentimento de comum-unidade que entenderemos cada ser como sagrado.

As palavras de Kopenawa, Ailton Krenak, Daniel Munduruku, Marcos Terena, Edgar Morin, Conceição Almeida e demais pensadores convergem e se retroalimentam dentro de uma perspectiva que reconhece nos saberes ancestrais e no pensamento xamânico um potente modo de pensar sustentável, capaz de recompor a humanidade.

A metamorfose faz parte da dinâmica da natureza, do cosmo, e por isso também nos constitui. Apostamos nesse potencial para adiarmos o fim do mundo e evitarmos a queda do céu, sustentando uma ética da solidariedade, da comunhão e do companheirismo. Ver a natureza, a vida e suas dimensões, em sua complexidade, se põe como tarefa urgente para apreendermos outros horizontes e soluções possíveis para as crises catastróficas em que vivemos.

Assim, o xamanismo faz parte de uma educação de base complexa que ultrapassa a instituição da escolarização; ele possui saberes para o cuidado e a responsabilidade com nossas principais casas (terra, corpo e mente) e resgata saberes arcaicos que deram vida aos nossos ancestrais. O xamã está em processo permanente de aprendizagem. A busca pelo conhecimento e sabedoria é presente em todas as jornadas. Aprender a apreender, ouvir, sentir, respeitar, integrar, solidarizar, comungar e contemplar a vida é a educação xamânica.

Caminhando para finalizar, o que se tira disso tudo é que o xamã educa. Uma educação de base complexa, que caminha pelas interfaces da arte, da ciência e da espiritualidade. Porém, o xamã não ensina nada a ninguém. Ele provoca, relembra, acorda, faz emergir, causa ab-reação, evoca forças para que cada um possa se curar. Essa compreensão se encontra com as ideias do pensador Paulo Freire, que nos lembra que ninguém educa ninguém, isso porque a porta da mudança só se abre por dentro, como ouvi falar um xamã. Educar é curar!

CAMINHOS POSSÍVEIS

A complexa matemática da vida acontece nas diferentes formas de existir e conecta todos os seres; ela arquiteta as complexas interações e pode revelar nossas potencialidades. É necessário pensarmos esta complexidade como elo entre as diferentes ciências e como horizonte de uma educação que pense a formação de sujeitos inteiros. Invoca-se para isso o encontro de diferentes saberes – científicos e tradicionais –, o respeito às diversas narrativas e o cultivo da diversidade de existir.

Educar os sujeitos para a compreensão desta complexidade do viver é realizar operações e estratégias de ensino e aprendizagem que não excluam saberes, nem alimente a monocultura da mente. É preciso reafirmar a importância de uma ecologia de saberes, da diversidade de pensamentos e modos de construção dos conhecimentos.

O xamanismo enquanto ato educativo carrega, nas diferentes experiências e estudos dos elementos da vida, um complexo de práticas e saberes. A educação enquanto aprendizagem dessa complexidade, ao ensinar e aprender nossas múltiplas relações com estes conhecimentos, também pode ser vista como catalizadora social.

Se o desafio é pensar a complexa matemática da vida, podemos compreender como maior obstáculo a fragmentação dos saberes que se reproduzem nas instituições escolares e reflete desde a formação do professor, até a compreensão dos ciclos da vida, processo

provocado pela ciência moderna, pela racionalidade patológica e pelos mecanismos da monocultura.

Para uma reforma do pensamento e da educação, parece ser preciso compreender os ciclos da vida e dos seres, que também se relacionam com ciclos de aprendizagem e ciclos de ensino, se quisermos retomar o sentido maior da Educação.

Se o desafio é pensar a matemática complexa da vida, supõe-se que um dos aspectos fortalecedores é agregarmos a lógica do sensível para emprendermos nossas potencialidades, além dos cinco sentidos. Precisamos aprimorar nossas capacidades sensíveis de nos enraizarmos e vivermos nossos ciclos pessoais inseridos no grande ciclo da vida, possíveis de se viver no presente, na ritualística, nas interações com as forças e espíritos das coisas, como ensina o pensamento xamânico e indígena.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

ARAÚJO, Carlos Eduardo de. **Xamanismo hoje: diálogos com uma sabedoria arcaica**. Natal: U'KA Editorial, 2022.

ATLAN, Henri. **Tudo, não, talvez: educação e verdade**. Tradução Fátima Gaspar e Carlos Gaspar. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MELCHIZEDEK, Drunvalo. **Serpente de luz: o movimento da Kundalini da terra e a ascensão da luz femenina**. Tradução de Dinora Oliveira. Vila Nova de Gaia: Lux-Citania, 2009.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Tradução de Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MORIN, Edgar. **Saberes globais e saberes locais: o olhar transdisciplinar**. Participação de Marcos Terena. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores**. Lorena: UK'A Editorial, 2017.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi: ensaios sobre o bem viver**. Lorena: DM Projetos Especiais, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem da cultura indígena brasileira. Ilustrações de Maurício Negro. 2. ed. São Paulo: Global, 2009.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando**. Participação especial de Ceiza Almeida. São Paulo: Uka Editorial, 2010.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O índio que mora na nossa cabeça**. São Paulo: Prumo, 2012.

Histórico

Recebido: 13 de maio de 2023.

Aceito: 18 de julho de 2023.

Publicado: 23 de setembro de 2023.

Como citar – ABNT

ARAÚJO, Carlos Eduardo de. Educação e Xamanismo: ensinar a complexa matemática da vida. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*. Belém/PA, n. 45, e2023012, 2023. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2023.n45.pe2023012.id550>

Como citar – APA

Araújo, C. E. (2023). Educação e Xamanismo: ensinar a complexa matemática da vida. *Revista de Matemática, Ensino e Cultura – REMATEC*, (45), e2023012. <https://doi.org/10.37084/REMATEC.1980-3141.2023.n45.pe2023012.id550>

Número temático organizado por

Iran Abreu Mendes  

Carlos Aldemir Farias  